

NUNCA É TARDE DEMAIS

MILDRED COHN

Extraído de Chocolate for a Woman's Soul de Kay Allenbaugh

Num estalo o sonho da minha vida se realizou. Aos sessenta e oito anos, terminei meu curso universitário - com louvor.

Foi uma realização triunfante, embora um pouco amarga.

Eu tinha um casamento amoroso e feliz, preenchido com viagens, amigos e filhos. Então meu marido morreu. Eu jamais tinha feito nada sozinha. Nunca.

Vi que podia ficar em casa e lamentar a minha perda ou fazer alguma coisa que eu desejara toda a minha vida. Eu poderia ir para a faculdade.

Nunca tive tanto medo em tomar uma decisão.

Mas tomar a decisão era uma coisa. Fazer realmente o curso era outra. Eu estava muito nervosa no primeiro dia de aula. Estava apavorada. Eu conseguiria achar a sala? Será que eu ia chamar atenção pela minha incapacidade? Será que os professores pensariam que eu estava ali por falta do que fazer? Conseguiria dar conta do recado? E se todos fossem mais inteligentes do que eu?

No fim do primeiro dia estava exausta.

Mas também estava entusiasmada. Sabia que ia conseguir. Embora fosse difícil, o estímulo de aprender coisas novas valia a pena. Meu amor pela arte me levou a concentrar minhas cadeiras no curso de história da arte. Era um prazer passar os dias ouvindo os professores.

Um dos meus prazeres inesperados foi estar com os outros alunos. A diferença de idade não era problema, embora tivesse sido um choque, no início, os meninos me chamarem pelo primeiro nome. Eles eram ótimos, discutíamos a matéria, estudávamos e andávamos juntos. Um rapaz até me ensinou a usar computadores. E o melhor de tudo: ninguém falava sobre colesterol.

Também recebia muita atenção de meus professores (a maioria deles com idade para ser meus filhos). Imagino que não estavam acostumados a ter um aluno tão interessado em suas aulas. Com o passar do tempo, muitos me usavam como fonte. Na aula de história, ninguém mais podia dizer como foi ter vivido na época da Grande Depressão. Eu podia e, assim, me pediam para falar sobre minhas experiências. Muitos de meus conhecidos pensavam que eu estava louca. Às vezes eu também pensava. Os trabalhos, as provas, as horas de pesquisa, as corridas para atravessar o campus e chegar a tempo na próxima aula, a exaustão. Entretanto, nada disso me impediu de preencher todos os requisitos acadêmicos, inclusive fazer aulas de educação física. Estava determinada a cumprir tudo que fosse necessário para obter o diploma.

Minhas filhas me deram todo o apoio. Falavam sobre inversão de papéis. Nós planejávamos nossas visitas na época das minhas férias escolares. Elas me ajudavam com minhas tarefas de casa, se condoíam quando eu falava de problemas com algum professor e diziam para eu não me preocupar em tirar boas notas. (Juravam que eu estava me vingando delas por todas as vezes que me ligaram em pânico quando estavam na escola.) Além de frequentar as aulas, aprendi que podia estudar no exterior, fazendo excursões acompanhadas por professores durante o verão. Uma das viagens foi para a Europa Oriental (antes da queda do comunismo). Em outra, o roteiro era explorar os principais museus da Itália. Eu viajara bastante com meu marido, mas nunca sozinha. Fiquei

apreensiva na primeira vez, mas conheci pessoas maravilhosas que me colocaram sob suas asas. Tinha conseguido dar mais um passo para fazer as coisas por mim mesma.

Eu mal sabia que minha experiência na faculdade me daria um conhecimento que não vem só dos livros. Olhando para trás, compreendo que ir à faculdade me manteve jovem. Eu nunca estava aborrecida. Estava sendo exposta a novas ideias e pontos de vista. O mais importante é ter ganho confiança, saber que posso realizar coisas por mim mesma.

No dia antes de sua morte, meu marido me perguntou se eu voltaria à faculdade. Ele estava me dizendo para continuar a viver e realizar um sonho. No dia da minha formatura, quatro anos mais tarde, quando atravessei o palco para receber meu diploma, eu o senti ali, me aplaudindo de pé.

A maior recompensa pelo esforço de uma pessoa
não é o que ela ganha com isso, mas o que ela se torna através dele.
JOHN RUSKIN